

ESQUIZOFRENIA DISCURSIVA NA FEIRA LIVRE: FAZENDO CURRÍCULO COM GÊNEROS POROSOS E BIO-RESISTÊNCIAS EM AMARGOSA – BA

Ana Cristina Nascimento Givigi

Podemos pensar no currículo como campo de afirmação das sexualidades a partir da visibilização das resistências inerentes à fabricação dos gêneros? (BENEDETTI, 2005) Como esta produção provoca esquizofrenia nas políticas identitárias e nas formas tradicionais de currículo? Estas são questões da pesquisa cartográfica junto aos (as) feirantes de Amargosa-BA, em dezembro de 2011, com uma turma de pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Munidas de diário de bordo, ouvimos na Feira: “Sou contra bater nos gays, mas vestir de mulher? Eles têm invenção!” Vimos que referia-se à travestilidade e que falavam de homofobia. Seguindo relações de forças, cartografamos (ESCOSSIA, 2010) este espaço de produção curricular, já que a Feira é o principal ponto de encontro desta cidade nordestina, onde fazeres se mesclam na construção de saberes sobre o local. Pensávamos sobre a ausência de diretrizes sobre sexualidade nos currículos da universidade. Voltei sozinha mais três vezes e nomeei questões que nortear-me-iam, elegendo gênero e sexualidade como dispositivos de pesquisa. Perguntava-me se este espaço comunitário trazia implicações para os silêncios curriculares e atentava-me às pedagogias do Centro de Formação de Professores (VEIGA-NETO, apud SILVA, 2002). A diversidade sexual geraria mobilizações à política cognitiva e ao currículo (RODRIGUES, 2009) Conversei sobre os gêneros e suas representações e interroguiei-me sobre as marcações hegemônicas (BUTLER, 2006) e sobre a naturalização das biotecnologias trans-incorporadas nos organismos tecnovivos (PRECIADO, 2008), mas também sobre a positivação das múltiplas sexualidades ali possíveis. Os repertórios híbridos (ANZALDUA, 2007), desafiadores da ‘natureza’ são vistos como “coragem de sair na rua feito mulher” (entrevistada 1). A multiplicidade discursiva reconhece o artifício da ‘invenção’ do gênero. O reconhecimento, ainda que marcado pela homofobia (BORRILLO, 2010), não descarta as resistências dos travestidos, reveladoras das porosidades dos bio-parâmetros e às margens da política de mercado; e, ao mesmo tempo, questionadoras da propriedade estatal dos fluxos orgasmáticos (PRECIADO, 2008). A montagem dos gêneros é observada pelos(as) feirantes: “aplicam remédios em casa só para ser mulher” (entrevistado 2). Os discursos da feira podem ser provocados pela Universidade a reconhecerem em si mesmos a produção

cultural do sexo e gênero? Discursos paradoxais ora sacralizam a escola, ora a desnudam, como “lugar do debate” (entrevistada 3). Os currículos abertos à discussão dos repertórios migrantes questionariam a normalização do currículo a partir de uma política queer, que estranha os conteúdos fixos e toleráveis (LOURO, 2008). Apontamos pistas sobre possíveis pedagogias.

Palavras-chave: gênero, bio-políticas de resistência, currículo queer.